

O pensamento poético como estratégia de reencantamento do mundo

Poetic thinking as a strategy for re-enchanting the world

Priscilla Menezes de Faria

 0000-0003-4004-2128
priscilla.menezes@gmail.com

Resumo

A arte, como território de produção de materialidades e saberes, pode ser habitada a partir de uma perspectiva colonizadora, em que a dita alta cultura prevalece como formadora de parâmetros e saberes, ou de uma perspectiva emancipadora. Este texto pretende partilhar uma investigação acerca da segunda possibilidade. Considerando o pensamento poético um modo de compreender e produzir realidades que escapa da circunscrição puramente racional, entende-se que o campo da arte tem potência para transtornar as linhas divisórias entre pensamento racional/imaginação e consciência/matéria, duas das principais dicotomias que sustentam as epistemologias e práticas colonizadoras. Essa hipótese será apresentada a partir de estudos de caso, analisando obras de Daniella Paoliello e Mateus Ribs, e estabelecendo diálogos com autoras como Vandana Shiva, Isabelle Stengers, Silvia Federici e María Zambrano que propõem o reencantamento do mundo por meio de uma profunda revolução nos modos como se (re)produz e compreende a vida.

Palavras-chave

Pensamento poético. Reencantamento do mundo.
Emancipação. Imaginação política. Animismo.

Abstract

Art, as a territory for the production of materialities and knowledge, may be inhabited from a colonizing perspective, where the so-called high culture prevails or from an emancipatory perspective. This text intends to share an investigation about the second possibility. Considering poetic thinking as a way that escapes the purely rational circumscription to understand and produce realities, art has the power to undo the dividing lines between rational thought/imagination and consciousness/matter, two of the main dichotomies that sustain colonizing epistemologies and practices. This hypothesis will be presented with case studies, analyzing works by Daniella Paoliello and Mateus Ribs, and establishing dialogues with authors such as Vandana Shiva, Isabelle Stengers, Silvia Federici and Maria Zambrano who propose the re-enchantment of the world through a profound revolution in the how life is (re)produced and understood.

Keywords

*Poetic thinking. Re-enchantment of the world.
Emancipation. Political imagination. Animism.*

Maria Mies e Vandana Shiva afirmam que a modernidade ocidental é um sistema capitalista-patriarcal fundado sobre uma cosmovisão que dicotomiza e hierarquiza diversos elementos da realidade. Natureza e humanidade, mulheres e homens, local e global são algumas dicotomias elencadas pelas autoras, que apontam natureza, mulheres e local como as partes consideradas mais fracas por seus duplos dominantes. Essa perspectiva dicotomizante, Mies e Shiva (1993, p. 15) denominam princípio antagônico da vida, o qual sempre produz um *outro*, que se torna “objeto, não apenas diferente, mas o inimigo”. A proposta política de Mies e Shiva é a de abandonarmos essa lógica que aparta e hierarquiza diferentes partes do mundo e nos reconectar com a vida enquanto uma teia de relações, reconhecendo a codependência entre tudo que existe, a partir de uma *práxis*, uma política e uma espiritualidade ecofeministas.

A racionalidade ocidental, o paradigma do Ocidente da ciência e o conceito de liberdade baseiam-se todos na superação e na transcendência desta dependência, na subordinação da natureza à vontade (masculina) e ao desencantamento de todas as forças da natureza. Neste contexto, a espiritualidade [ecofeminista] esforça-se por *curar a Terra-Mãe* e por re-encantar o mundo, o que significa desfazer esse processo de desencantamento, que Max Weber viu como o inevitável processo de racionalização europeu (Mies, Shiva, 1993, p. 30).

A noção de desencantamento do mundo, apontada pelas autoras como fundamento do sistema patriarcal capitalista, foi cunhada ao longo da obra de Max Weber, importante sociólogo alemão do século 19. Pierucci (2003) analisa a genealogia desse conceito e sustenta a tese de que desencantamento do mundo opera dois significados fortes ao longo da obra de Weber: a perda dos sentidos transcendentais atrelada ao cientificismo e a desmagificação do mundo, relacionada à hegemonia das religiões monoteístas.

Primeiro a religião (monoteísta ocidental) desalojou a magia e nos entregou um mundo natural “desdivinizado”, ou seja, devidamente fechado em sua “naturalidade”, dando-lhe, no lugar do encanto mágico que foi exorcizado, um sentido metafísico unificado, total, maiúsculo; mas depois, nos tempos modernos, chega a ciência empírico-matemática e por sua vez desaloja essa metafísica religiosa, entregando-nos um

mundo ainda mais “naturalizado”, um universo reduzido a “mecanismo causal”, totalmente analisável e explicável, incapaz de sentido objetivo, menos ainda se for uno e total, e capaz apenas de se oferecer aos nossos microscópios e aos nossos cálculos matemáticos em nexos causais inteiramente objetivos mas desconexos entre si, avessos à totalização, um mundo desdivinizado que apenas eventualmente é capaz de suportar nossa inestancável necessidade de nele encontrar nexos de sentido, nem que sejam apenas subjetivos e provisórios, de alcance breve e curto prazo (Pierucci, 2003, p. 145).

Weber afirma que, conforme as religiões monoteístas se expandem, a dimensão moral vai ocupando o centro da esfera religiosa, tomando o lugar de experiências que outrora predominavam, como êxtase, expansão da consciência e a magia. A reforma protestante é apontada como exemplar nesse processo, já que operou desmagificando o cristianismo, execrando todos os sincretismos pagãos que o constituem e inflando-o de paradigmas moralizantes. Em conformidade com esse processo, estão os avanços da ciência moderna, elemento integrante do projeto iluminista, que toma a natureza como um universo de causas e consequências previsíveis e racionalizáveis, sem qualquer sentido transcendente essencial. A partir desse processo, a moralidade cristã e o racionalismo científico se dão como as vias hegemônicas de acesso a verdades unívocas, excluindo outras cosmologias e entendimentos acerca da realidade. Com isso, a noção de que os seres humanos e a natureza configuram elementos apartados entre si se acentua, bem como a ideia de que a natureza constitui um conjunto de recursos e de matérias-primas, e não uma multidão de seres distintos, conscientes, dotados de sensibilidades e de espíritos. Na modernidade ocidental desencantada, verdade e ciência passam a existir no singular, e as experiências de sensibilização, imaginação, fabulação e magia não são mais abarcadas como legítimos meios de produção de realidade e de verdade.

Silvia Federici (2017, p. 312) afirma que “a batalha contra a magia sempre acompanhou o desenvolvimento do capitalismo, até os dias de hoje”. Destaca que “a premissa da magia é que o mundo está vivo, que é imprevisível e que existe uma força em todas as coisas” (p. 312) e que, em um mundo encantando, dotado de diversas perspectivas, consciências e agências, vigora uma “concepção anárquica e molecular da difusão do poder” (p. 313), princípio incompatível com a lógica capitalista colonial de acúmulo e centralização. A autora afirma:

Ao tentar controlar a natureza, a organização capitalista do trabalho devia rejeitar o imprevisível que está implícito na prática da magia, assim como a possibilidade de se estabelecer uma relação privilegiada com os elementos naturais e a crença na existência de poderes a que somente alguns indivíduos tinham acesso, não sendo, portanto, facilmente generalizáveis e exploráveis. A magia constituía também um obstáculo para a racionalização do processo de trabalho e uma ameaça para o estabelecimento do princípio da responsabilidade individual. Sobretudo, a magia parecia uma forma de rejeição ao trabalho, de insubordinação, e um instrumento de resistência de base ao poder. O mundo devia ser “desencantado” para poder ser dominado (Federici, 2017, p. 313).

Diante do exposto acerca da noção de “desencantamento do mundo”, podemos nos aproximar da ideia de “reencantamento do mundo”. A rigor, o conceito de “reencantamento de mundo” não possui um sentido unívoco, pelo contrário, trata-se de “Uma fórmula, uma expressão de livre trânsito, que passou a se acomodar confortavelmente na produção sociológica (e em outros campos) há, pelo menos, três décadas” (Assunção, 2010, p. 15). Tal conceito, segundo Assunção, de modo geral é tomado como o oposto do “desencantamento do mundo” e depende fundamentalmente daquilo que se compreende acerca dessa noção. Neste trabalho, toma-se o desencantamento do mundo como a desmagificação do mundo e suas consequências políticas. Portanto, apresenta-se aqui o reencantamento do mundo como um processo de emancipação das forças relegadas como inferiores, constantemente exploradas e dominadas pelo sistema capitalista patriarcal, tais como a terra, as mulheres, as populações não brancas, as crianças, os seres não humanos. Também como um movimento de sutura de instâncias do pensamento que foram apartadas pelo modelo epistemológico científico moderno, como razão e emoção, compreensão e criação, ciência e magia. Há aqui conformidade com a definição de Silvia Federici (2022, p. 273) para “reencantamento do mundo”:

refiro-me à descoberta de razões e lógicas diferentes das do desenvolvimento capitalista, uma prática que considero indispensável para a maioria dos movimentos antissistêmicos e um pré-requisito para resistir à exploração.

Considera-se, porém, que esse processo não pode ser feito sem que se levem em conta os violentos mecanismos colonizadores que promoveram as cisões mencionadas. É nesse sentido que Isabelle Stengers (2017, p. 8) propõe o uso do verbo reativar para tratar dessa reaproximação a cosmossensibilidades ancestrais:

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos apenas reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas. Deve-se regenerar os meios envenenados, assim como muitas das palavras, aquelas que – como “animismo” e “magia” – trazem com elas o poder de nos tornar reféns: você realmente acredita em...?

Stengers propõe a reativação como um gesto imbricado em um processo de regeneração, que encara com seriedade aquilo de que se foi separado e se envolve profundamente com os efeitos dessa separação. A filósofa dá como exemplo os usos correntes das palavras e dos conceitos “animismo” e “magia”, em que, de acordo com sua opinião, um grande trabalho de regeneração e reativação se faz fundamental. Para Stengers (2017), o uso hegemônico do conceito de animismo é crucial na produção da divisão entre “eles” (os animistas, os que acreditam que seres não humanos são dotados de espírito e consciência) e “nós” (os que aceitam “a difícil verdade de que estamos sozinhos em um mundo mudo, cego, mas cognoscível – um mundo em que teríamos a tarefa de dele nos apropriar”) (p. 3), divisão essa que, diga-se de passagem, homogênea uma miríade de cosmologias originárias e as resume como animistas, caracterizando-as apenas pela oposição ao pensamento científico-racional. Stengers (p. 15) afirma que

Ninguém jamais foi animista, porque nunca se é animista “no geral”, apenas em termos de agenciamentos que geram transformações metamórficas em nossa capacidade de afetar e sermos afetados – e também de sentir, pensar e imaginar. O animismo, no entanto, pode ser um nome a serviço da recuperação desses agenciamentos [...] Contra a insistente paixão envenenada por desmembrar e desmitificar, o animismo afirma o que todos os agenciamentos exigem para não nos escrivizar: que não estamos sozinhos no mundo.

Reconhecendo, portanto, a violência colonial implicada na noção de animismo, a filósofa propõe que reativemos essa noção dentro do próprio pensamento moderno ocidental não mais para nomear os outros, mas para tensionar nosso próprio modo de pensar. Diante dessa proposição, coloco a questão: a partir do ponto em que estamos, reconhecendo a influência do desencantamento do mundo em nossos modos de existir, como seria “repensar o animado e reanimar o pensamento”, conforme a proposição do antropólogo Tim Ingold (2015)? Minha proposta é a de que, se tomamos criticamente a noção de animismo, entendendo-o como um dispositivo que borra, perturba e refaz as divisões entre sujeitos e recursos ou, antes, entre agência e matéria, uma possibilidade de reativá-lo seria a partir da prática de um pensamento poético.

John Dewey (2010, p. 100), em *Arte como experiência*, argumenta: “e o poético, seja qual for o seu veículo, é sempre um parente próximo do animista”. Em acordo com essa proposição, pode-se compreender a prática artística como uma dinâmica entre diferentes forças vivas, dotadas de consciência e poder de ação. Em realidade, há toda uma genealogia que descreve o fazer poético como um processo de mediação, realizado pela(o) artista, entre seus próprios gestos e forças alheias a si (Martino, 2013). O historiador renascentista Giorgio Vasari, por exemplo, propôs, em sua obra *Vida dos artistas*, uma possível relação entre habilidades artísticas e os *genius loci*, “espíritos do lugar”, relacionados à terra onde se nasce. Mesmo posteriormente, em um contexto em que a noção de autoria individual já estava bem consolidada, artistas como André Marchand descreviam seu fazer artístico com um estar à escuta. Merleau-Ponty (2004, p. 22) o cita em *O olho e o espírito*:

Numa floresta, várias vezes senti que não era eu que olhava a floresta. Certos dias, senti que eram as árvores que me olhavam, que me falavam [...]. Eu estava ali, escutando [...]. Penso que o pintor deve ser transpassado pelo universo e não querer transpassá-lo.

Poderíamos seguir essa linhagem que entende o fazer artístico como uma atividade que inclui esforço de abertura ao inumano e de recepção de influxos cósmicos e misteriosos. Também poderíamos mapear uma outra história da arte, que localiza o fazer artístico como um trabalho de controle sobre materialidades, técnicas e processos. Quando essas perspectivas são justapostas, uma questão

de fundo parece reverberar: como o fazer poético se faz legítimo? E indo mais além: o que atribuiria legitimidade aos fazeres em geral? Em uma perspectiva científica e racional, saber legitimamente é saber dominando as variáveis e controlando os processos. A partir dela, a admissão de uma metodologia que inclui a negociação com o incontrolável e o inominável só pode resultar em ilegitimidade. Entretanto, há muitos artistas que afirmam criar negociando com forças outras que não as próprias, e muitos afirmam que essa experiência inclui uma espécie de susto que os convoca a uma trabalhosa investida no desconhecimento. Clarice Lispector (1998, p. 7), por exemplo, em nota que abre seu livro *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, afirma: “Este livro se pediu uma liberdade maior que tive medo de dar. Ele está muito acima de mim. Humildemente tentei escrevê-lo. Eu sou mais forte do que eu”. Fazer sem dominar e sem controlar, podemos concluir, não é equivalente a fazer sem ter trabalho.

Compreende-se, assim, que há algo na prática artística que, de fato, pode não ser produzido a partir de esforços científicos próprios da modernidade – esforços de separação, de dominação e de produção de previsibilidade –, mas a partir de investidas outras: de mútua afetação, de constante negociação, de produção de familiaridade com o imprevisível e de evocação do improvável. A esses gestos, que também poderiam ser entendidos como mágicos, está relacionado o que aqui se gostaria de apresentar como pensamento poético.

A filósofa María Zambrano trabalhou com esse conceito ao longo de sua obra. Para ela, o encontro com a potência misteriosa, indizível, inaudita da existência seria a experiência fundante tanto da filosofia como da poesia, sendo que aquilo que as distinguiria mais essencialmente seria o modo como cada uma lida com o espanto. Enquanto o filósofo precisa recusar algo dessa força espantosa e logo migrar para “regiões de maior segurança e domínio” (Zambrano, 2000, p. 63) – como as da abstração e do método –, o poeta permaneceria fiel ao pasmo, deixando-se atravessar e habitar por suas forças. Se a poesia se faz amante da multiplicidade mutante e imprecisa, a metafísica europeia, que, na palavras da filósofa, é “filha da desconfiança e do receio” (p. 112), seria mais afeita aos sistemas, às distâncias e aos fechamentos.

Zambrano (2000, p. 113) afirma que tal metafísica instaura um paradigma epistemológico no qual conhecer a realidade não corresponde a mergulhar nas forças da vida, deixar-se alterar e transformar por seus efeitos, escutá-las e

compor com elas, como teria sido em outros momentos. Torna-se, pelo contrário, um movimento distanciador, que parte de uma dúvida acautelada diante da vida e de uma excessiva confiança no sujeito da razão. O poético, por sua vez, “não pode verter-se na forma do sistema como a metafísica, nascida da angústia, porque não pode ficar nunca fechada. E no dia em que ficasse definida, seria o dia final da criação. Da criação que, pela poesia, segue o seu curso”. Em vez de ordenar a realidade em sistemas estruturados, a poesia teria uma estrutura aberta para a mobilidade do mundo e, através de sua abertura, inauguraria ela mesma outros mundos, pois se estende “na direção do que não se conseguiu ser para que finalmente seja” (p. 113). Violência filosófica é como Zambrano nomeia esse rompimento com o pulso da vida em direção a um ideal revestido de desejo de verdade, movimento esse que é renitente em grande parte da filosofia herdeira de Platão. Contrária à violência filosófica, haveria a adesão poética à vida: uma adesão que permanece no movimento oscilante entre possuir e ser possuído pela realidade. “Enquanto o filósofo trata de ser ele mesmo, o poeta, dobrado pelo peso da graça, não sabe o que fazer. Sente-se morada, ninho, de algo que o possui e arrasta” (p. 83). A essa abertura a “algo que possui e arrasta”, podem-se relacionar os trabalhos fotográficos da artista Daniela Paoliello, a qual tem como um de seus principais procedimentos aquilo que denomina autoperformance, retratos em que se coloca tanto atrás como diante da câmera, utilizando o disparo automático para tornar indistintas as fronteiras entre sujeito e objeto da fotografia. Tal recurso foi bastante utilizado na série Escavar o escuro, sobre a qual a artista escreve em seu *site*:

A série fotográfica “Escavar o escuro” foi desenvolvida em três litorais distintos, Imbassaí (Bahia), Itacoatiara (RJ) e Agua Blanca (Oaxaca, México) entre 2018 e 2020. Seguindo uma narrativa fantástica e operando a partir de uma dupla posição – a de estar atrás e na frente da câmera ao mesmo tempo – incursiono no breu da noite propondo dissoluções imaginárias do meu corpo no espaço, em relações de mimesis com a paisagem. O ato fotográfico se dá a partir de uma dupla cegueira. Não ver pelo gesto de tornar-se objeto da própria captura, dar-se à câmera como imagem, perder o controle do olhar através da autoperformance realizada para a câmera. E não ver por uma questão óptica, pela ausência de luz. Fotografar cenas que apenas a câmera é

capaz de revelar, que o olho não alcança. O duplo gesto, de fotografar e de performatizar, é concebido a partir da imaginação e dos sentidos, uma vez que a paisagem só é revelada após o clique. Por outro lado, o trabalho se dá como uma expedição pela noite movida pela intenção de captura dos últimos resquícios de luz e brilho, que é conduzida por pequenas descobertas e intervenções com objetos de qualidade brilhante que guardam semelhança com os astros e as luzes noturnas.

Ao se deixar conduzir por pequenas luzes intermitentes que antecedem à escuridão, a artista se lança na investigação daquilo que desconhece e busca uma relação de pertencimento entre si mesma e a paisagem obscurecida, lançando mão de efeitos de dissolução de si a partir da dupla exposição. Deixa-se possuir, portanto, pela escuridão que apenas tateia, tornando-se parte integrante de um mistério ao qual se integra sem buscar desvendar.

Figura 1

Daniela Paoliello, fotografia
da série Escavar o escuro,
2018/2022; 70 x 110cm
Fonte: www.danielapaoliello.com.br





Figura 2

Daniela Paoliello, fotografia
da série Escavar o escuro,
2018/2022; 70 x 110cm

Fonte: www.danielapaoliello.com.br



Figura 3
Daniela Paoliello, fotografia
da série Escavar o escuro,
2018/2022; 70 x 110cm
Fonte: www.danielapaoliello.com.br

Ao abrir mão de um pleno controle acerca do processo, tomando como força motriz do trabalho o que chama de dupla cegueira, Daniela abre espaço para que outras agências, que não apenas a própria, interfiram na sua criação. Em uma dança entre técnica e contingência, planejamento e acaso, enquadramento e aparição, a artista dá forma a um mundo que é potência viva, criadora e cambiante. Quando borra a separação entre sua força subjetiva e a materialidade do que a circunda, também se põe a oscilar ela mesma entre ser criadora e matéria das imagens que produz. Abrindo espaço para que outras forças que não a sua operem esse seu trabalho, a artista dá forma a imagens, espectros, rastros daquilo que, de outro modo, não se deixaria entrever. Zambrano (2000, p. 69) afirma que “o filósofo quer o uno porque quer tudo. E o poeta não pode chegar a querer tudo porque teme que nesse tudo não esteja cada uma das coisas com suas variações, suas pegadas e seus fantasmas”. De variações, pegadas e fantasmas, são compostas as imagens de sua série Escavar o escuro.

Ao abrir mão da totalidade dos sentidos para dar lugar à variabilidade das possibilidades, o poético se faz uma estratégia para o reencantamento do mundo, pois se torna um catalisador de multiplicidades que abre espaço para o mistério, o inaudito, o incapturável. Em vez de perseguir a posse de um esclarecimento, o artista “entrevê alguma coisa na névoa, e a isto que entrevê é fiel” (Zambrano, 2000, p. 85). No lugar de buscar a verdade sobre o ser das coisas, o gesto poético, segundo Zambrano, quer se estender, reverberar, se alongar pelo mundo. Se a palavra filosófica define, a palavra poética “penetra na noite do inexprimível” (p. 32). É dessa mesma natureza o gesto de Daniela Paoliello: fiel ao que entrevê, avança em direção ao inexprimível, abrindo mão do que domina e controla. Nesse gesto podemos reconhecer uma convergência mágica, poética e emancipadora.

Severino Antônio (2009) escreve acerca da vocação emancipadora do pensamento poético. O educador afirma que a arte, em especial a poesia, teria a vocação de mobilizar um importante movimento: o de um distanciamento consoante a um pertencimento. Segundo o autor, esse movimento de distanciar-se da própria individualidade para poder pertencer mais profundamente ao mundo seria fundamental na formação do senso crítico, pois produziria a possibilidade de se reconhecer no dessemelhante, condição necessária para a produção da empatia – afeto que considera político por excelência. Isso ressoa no gesto de Daniela Paoliello, que busca uma certa perda de si em uma dissolução poética no mundo e que, nessa busca, abre espaço para a insurgência do imprevisível.

Para Severino Antônio, o pensamento poético seria um pensar por imagens, analogias e metáforas. Diferente da razão que define, delimita, afunila, o pensamento poético cria sentidos em profusão: ampliando, conectando, tecendo relações. É ainda um modo de pensar que conhece a realidade enquanto a cria, pois compreender o que está dado não significa aceitar que isso não possa ser de outro modo. Pelo contrário, o pensamento poético pensa o mundo enquanto inventa, compreende-o enquanto o produz. A essa consideração, pode-se relacionar a noção de imaginação política, que remete à infindável possibilidade de desejarmos e fabularmos outros modos de existir e recriar nossos os modos de viver junto e existir. Política, em certo sentido, é sempre uma questão de imaginação, e o pensamento poético, nesse sentido, é sempre político.

Na obra do artista Matheus Ribs, vigora a potência de uma imaginação política que denuncia uma cadeia de relações opressivas vigentes e anuncia um outro mundo, composto de uma transformada trama de relações. A obra *Fechar os corpos*, de 2021, é uma pintura que retrata dois jovens – um negro e um indígena – sofrendo violências promovidas pelo sistema capitalista colonial. Do lado esquerdo está o indígena, e, no seu horizonte, há uma floresta. Esta, assim como ele, está sob ameaça: vemos um avião despejando agrotóxicos e homens armados guarnecendo madeira, fruto de extrativismo. Há o que parece ser o leito de um rio, em tonalidades de amarelo e vermelho, indicando águas poluídas e envenenadas. Em conexão com a madeira extraída, estão alguns motores e, próxima a eles, uma serra elétrica: símbolo do projeto de devastação da floresta e da aniquilação de seus povos originários.

Ao lado desse símbolo, o jovem indígena resiste: altivo, segurando dois peixes em uma mão (como símbolo da pesca artesanal, contraposta à lógica extrativista/industrial), tendo sobre sua cabeça uma insígnia sagrada que remete a espiritualidades ancestrais e originárias. Está de mãos dadas com o outro jovem, um rapaz negro que tem como seu horizonte uma favela cerceada por dispositivos necropolíticos: um helicóptero, um “caveirão”, um conjunto de policiais uniformizados tal qual um grupo especializado em entrar nas favelas para matar. A morte é também anunciada no contorno de corpos que aparecem no chão ao seu lado, bem como na metralhadora que jaz aos seus pés. Esse jovem segura uma bolsa de uma empresa surgida na exacerbação da lógica neoliberal, que explora e mortifica corpos negros diariamente em todo o país. Em seu tronco

vemos cruzada uma guia, elemento próprio de espiritualidades africanas ou afro-brasileiras, e sobre sua cabeça paira um grande búzio, outro elemento que remete a cosmologias ancestrais.

É obra que produz forte denúncia, expressando a conexão entre opressões de distintos sujeitos sob ameaça: a floresta, os rios, os solos, os animais, os indígenas, a população negra, os territórios periféricos. Indica também uma potência de resistência a partir da conexão entre esses sujeitos e suas ancestralidades pela via do reencantamento. Acerca desse trabalho, Ribs afirma:

Pintura contra-feitiço para fechar os corpos não brancos. Encantaria para desfazer o espectro de morte que ronda as crianças pretas, indígenas e mestiças. Para Exu guardar os meninos e meninas nas encruzilhadas, de toda bala que só encontra o corpo preto. Para os caboclos e xapiris estreitarem os caminhos da mata e o veneno do garimpo não contaminar rios e peixes. Sobre as cabeças, apenas os ancestrais. Nenhum veneno pulverizado, nenhuma arma de morte.



Figuras 4
Mateus Ribs, *Fechar os corpos*,
2021
Fonte: <https://www.instagram.com/o.ribs/>

O trabalho de Ribs opera, portanto, no duplo movimento entre produzir uma denúncia e anunciar outras possibilidades de viver, sentir e pensar. Atuando na importante tarefa de figurar vislumbres de mundos alternativos a este no qual vivemos, engendra o que Silvia Federici (2022, p. 272) entende ser o cerne do reencantamento:

Weber usou a palavra “desencantamento” para se referir ao desaparecimento da religião e do sagrado no mundo. Mas podemos interpretar seu aviso em um sentido mais político, como uma referência ao surgimento de um mundo em que nossa capacidade de reconhecer uma lógica que não seja a do desenvolvimento capitalista está cada vez mais em questão. Esse “bloqueio” tem muitas origens e impede que o tormento que vivemos no dia a dia se converta em ação transformadora.

Ao dotar seu trabalho de qualidades enfeitiçantes e conjuradoras, Mateus Ribs acessa o imbricamento entre o mágico e o poético a partir de sua imaginação política, que invoca e dá corpo a outros mundos, em que aqueles que são violentados pelo sistema capitalista colonial estão protegidos por suas ancestralidades, uns pelos outros e pelos seres encantados. Em outra obra, denominada *Reencantar América*, o artista lança mão de um registro visual muito próximo ao dos mapas geopolíticos, próprios de uma gramática colonizadora. Entretanto, em seu mapa, retrata a América Latina toda vermelha, guarnecida por uma serpente, animal sagrado nas cosmologias de diversos povos originários desse mesmo território. O animal, pintado em dimensões imensas, parece guardar uma qualidade mágica por conta de suas cores pouco naturais, com tonalidades de azul e amarelo, e de suas formas que remetem a geometrias sagradas de povos originários. Através dessa pintura, Ribs realiza uma invocação que é, a um só tempo, espiritual, poética e política. *Reencantar América* parece ser um convite ao reencontro com a dimensão mágica, cosmológica, ética e política de uma série de populações que já habitaram, e ainda habitam, esse território. Com esse trabalho, Ribs faz do seu pensamento poético uma estratégia para o reencantamento do mundo.



Figuras 5
Mateus Ribs, *Reencantar
América*, 2020
Fonte: <https://www.instagram.com/o.ribs/>

Em Zambrano, compreendemos o poético como um modo de estar criativamente no mundo que não se dá pelo desejo de controle, mas a partir de uma certa atração pelo não saber, que amplia nossas possibilidades de ser, multiplicando as dobras do real e atribuindo agência e força criadora à própria matéria da vida. Em Severino Antônio, compreendemos o poético como um gesto de distanciamento de si e de pertencimento ao todo que leva à possibilidade de encontrar semelhança na dissemelhança – capacidade apontada pelo autor como fundante não apenas da dimensão poética, mas também da ação política. Em Paoliello e Ribs, podemos observar exemplos de obras de arte que operam em consonância com essas proposições, habitando um território limítrofe entre o mágico, o poético e o político, engendrando aquilo que aqui se está nomeando reencantamento do mundo. Severino Antônio (2009, p. 129) afirma:

Poema – a ser lido, interpretado nas linhas e nas entrelinhas, e primordialmente a ser escrito e reescrito, trabalho de cada um e de todos, autores e coautores do conhecimento, da educação e da própria vida e convivência. Essa imagem é indissociável da necessidade de viver poeticamente, que não se dissocia do necessário reencantamento do mundo. Esse reencantamento também tem muitas faces, muitas dimensões, inúmeras delas em comum com a nova escuta poética da natureza, do conhecimento, da existência.

Assim, em pluralidade, na profusão, no compromisso com a vida e a criação, podemos localizar a complexidade das múltiplas e inesgotáveis afinidades entre o pensamento poético e o reencantamento do mundo.

Priscilla Menezes de Faria é artista, professora de arte e educação no Departamento de Didática da UniRio, autora dos livros *Erro tácito* e *A fera ao meio*.

Referências

ASSUNÇÃO, Rudy Albino. *O “Reencantamento do mundo”*: interpelando os intérpretes do desencantamento do mundo. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

- ANTÔNIO, Severino. *Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2009.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FEDERICI, Sílvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. São Paulo: Elefante, 2022.
- FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARTINO, Marlen de. “Donner la mort”: o dom e o gênio nas teorias de arte. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 5, n. 9, 2013. DOI: 10.5965/2175234605092013014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3991>. Acesso em 14 mar. 2022.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- MIES, Maria; SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- PAOLIELLO, Daniela. *Escavar o escuro*. Disponível em: <https://danielapaoliello.com.br/projects#/escavar-o-escuro/>. Acesso em 7 mar. 2022.
- PIERUCCI, Antonio Flavio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- RIBS, Mateus. *Fechar os corpos*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQKQl-8ZsyC4/>. Acesso em 7 mar. 2022.
- STENGERS, Isabelle. *Reativar o animismo*. Belo Horizonte: Chão da feira, 2017 (Caderno de Leituras 62).
- ZAMBRANO, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

Artigo submetido em abril de 2022 e aprovado em junho de 2022.

Como citar:

FARIA, Priscilla Menezes de. O pensamento poético como estratégia de reencantamento do mundo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28 n. 43, p. 88-105, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.5>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>